

PÔR DO SOL



PERANTE A SENTIR O ABRAÇO

DAQUELA DIMENSÃO DE CRISTAL

SENTI MINHA

ENERGIA MUDAR

IRA ME CULTUAVA E...

O MEDO ME AFOGAVA

AO ERGUER MINHA CABEÇA

UMA LUZ NEGRA ME RECEBEU

E O PEDIDO COÇOU MINHA
ORELHA:

“ENCONTRE O
GENERAL MARCOS”

QUANDO DESPERTEI..

A MISSÃO NO DIA CHUVOSO

A LEVOU
DE MIM.

ÍNDICE

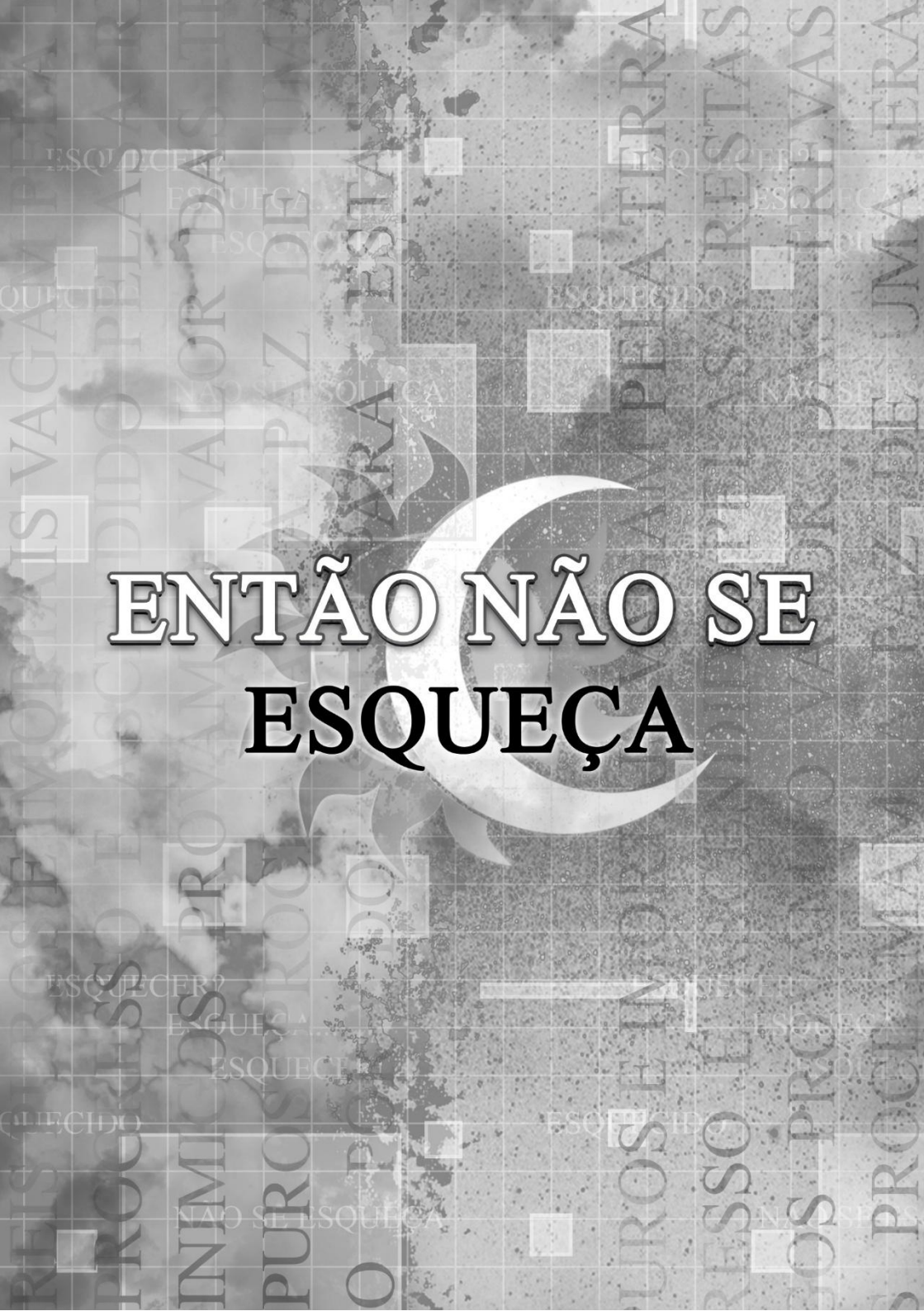
CAPÍTULO 1: ENTÃO NÃO SE ESQUEÇA	8
CAPÍTULO 2: RÉ...	51
CAPÍTULO 3: ALERA TOTAL	92
CAPÍTULO 4: ENERGIA	134
CAPÍTULO 5: MORRO DA LEI	179
CAPÍTULO 6: O SEGUNDO SETOR	214
CAPÍTULO 7: INSTINTO E CASCA DE PEDRA	257
CAPÍTULO 8: CAMINHOS ENTRELAÇADOS	302

PÔR DO SOL

VOLUME 1

NOVEL ESCRITA E ILUSTRADA
POR:

GALIMEU



**ENTÃO NÃO SE
ESQUEÇA**

【Madrugada, algum lugar do Primeiro Setor】

Um lugar tão calmo, onde os barulhos minuciosos ecoavam como verdadeiros alarmes, existia no meio de um silêncio frio e agonizante numa cidade adormecida.

A brisa do vento gelado expulsava curiosos que poderiam tentar permanecer fora. A tensão do escuro era inconstante. Postes mantinham a rua visível na cidade, entretanto, um deles se revoltava em manter a segurança.

Piscava, várias e várias vezes, com tentativas de iluminar não só a rua, mas também um beco entre os prédios. Causava uma sequência incessante de breus.

O zumbido do vento alertava uma chegada. Passos vinham do beco, cada vez mais fortes, mais altos e mais... calmos. Até que, pouco a pouco, a silhueta de um homem surgia lentamente.

Os intervalos entre as falhas do poste aumentavam a cada segundo, e foi completamente inútil, já que o homem escondido se revelava junto a uma naturalidade anormal. A rebeldia da luz acabou. A presença daquele homem, de alguma forma, foi o suficiente para o ter consertado.

Lá estava com os olhos fixos no final da rua. Alto, um cabelo longo e cinza, olhos cor de prata e cílios que tinham um grande destaque amarelo; blusa e calças jeans. Descrições numeradas e simples demais para a ocasião. Seria um civil quase sem destaque se desconsiderar a máscara preta que cobria sua boca e nariz, deixava curiosos nas janelas assustados.

O item estranho não trazia sinal de justificativa, porque estava suspenso sobre seu rosto como se a pele apossou dela para si.

Através de um rosto calmo, ignorou os arredores. O silêncio frio não era nada. Caminhou devagar e atravessou a rua

com passos que não eram mais notados.

— Por que você está aqui? — perguntou, devagar, enquanto parou a caminhada.

Um instinto perspicaz, o barulho anormal do vento trouxe consigo um gato branco, que surgiu sentado em sua frente, num piscar de olhos. Olhou para sua trajetória original, retomou ao animal e só caminhou novamente. O gato o seguia sem disfarçar.

— O jeito que você é me dá arrepios, Dourres. — Soou uma voz feminina da boca do gato.

Ele parou quando escutava, e não demonstrou nenhum alarme, seus passos desaceleraram e colocou as mãos no bolso.

— Vou anotar esta mesma reclamação.

— Sério? Caminhadas noturnas? Você ficou lélé? Tem que ser num lugar esquisito assim? E nem sequer fala...

— Primeiramente, eu sempre fiz isso e, por último, não é da sua conta.

Voz diferente, possuía um comportamento esperado por pessoas desanimadas, sem demonstrar interesse em nada. Um ritmo melancólico e talvez até depressivo.

— Arrepios! Muitos deles! — comentou a gata, exageradamente.

Proseguiram até se aproximarem do lugar que o homem tanto olhava. Estavam perto de um banco, rodeado por lojas já fechadas naquele horário tão tarde da noite.

Um ruído pairou pelos ouvidos, o homem se jogou atrás de uma máquina de bebidas com velocidade notável.

— O que você está fazendo? — perguntou, assustada.

— Abaixar-se — sussurrou.

Alguns segundos se passaram e três figuras apareceram como um grupo de encapuzados. Dois deles tinham barbas bem perceptíveis e todos continham uma tatuagem com uma estrela que sorria nas mãos.

Capítulo 1: Então Não Se Esqueça

Sobrancelhas de Dourres contraíram ligeiramente, seu olhar afiou ao reconhecê-los.



Um deles pegou do bolso um dispositivo estranho que parecia um celular e prendeu-o na porta do banco. Os outros dois vigiavam qualquer movimento nas redondezas. Uma sequência de três “bips” foi emitida do dispositivo — um programa para destravar as portas.

Os observadores noturnos estavam atentos a cada centímetro do ato. Viram a porta do banco se abrir e revelar todo seu interior. As figuras entraram rapidamente e fecharam a porta com pressa, saltitavam e sorriam com o sucesso.

O homem suspirou, bastou ver meliantes que já retomou ao seu verdadeiro objetivo na cabeça. Saiu de trás da máquina e foi cautelosamente até a porta do banco. Seu rosto estático não demonstrava qualquer motivação... nada — homem-estátua.

— QUÊ?! Você não vai fazer algum absurdo, né? Né? — indagou a gata enquanto controlava sua voz, que saía alta por um momento.

Dourres encarava as mesmas figuras pelo vidro com seu rosto gravado em tom monótono de indiferença, ao contrário da gata que continuava a olhar nervosa atrás da máquina. Os pelos se levantaram, seus dentes foram pra fora e seus olhos arregalaram.

— Vem ver isso.

— Arreepiiiiios!

As figuras estavam desatentas sobre o lado de fora por correrem tão à frente no banco.

O homem percebia o prazer maléfico dos assaltantes. Estendeu o braço e não importou com sua mão que brilhava, uma luz surgiu feito um curto-circuito.

As orelhas da gata se voltaram atentamente para escutar a eletricidade que fluía. A postura dos dois estavam rígidas por igual, o chiado soava e a energia destacou o lado mais estranho

de Dourres.

Os invasores se espantaram ao terem notado o rastro de luz, correram em direção à porta, raivosos por terem sido descobertos.

— *Permissão.*

Um pico de barulho prevaleceu, ecoando pelos arredores. A descarga ascendente se espalhou de sua mão e varreu o banco por cada centímetro. Os assaltantes viram as faíscas procurarem objetos específicos, como se fosse atraída para cada um deles.

As portas trancaram e todas as lâmpadas do banco se acenderam uma de cada vez. Uma das figuras buscou abrir as portas e, depois de uma única tentativa, tentou quebrá-la com empurrões.

— *Hum...*

Somado com o fato do seu rosto estático milimetricamente desde o início, a palidez no nível de uma assombração fez os outros dois meliantes darem pessoas para trás.

A caminhada noturna se encerrava com a mais fácil tarefa de capturar os assaltantes.

O outro suspeito puxou rápido o mesmo dispositivo anterior, tentava destrancar a porta, mas o terceiro som da sequência não se propagou.

— Era isso que queria fazer? Ficou lé lé de vez.

— Vou usá-los como aviso. — Dourres apontou para seus objetos de aviso ambulantes.

— Vou PEGAR você, seu filho da p... — Rosnava a figura próxima à porta.

O alarme tocou a todo volume no banco. Os chutes e socos inquietos aceleraram para sair. Ainda era possível ver suas bocas mexerem, porém, o ensurdecedor barulho e o vidro abafaram as palavras, ficando inaudíveis.

Dourres seguiu seu caminho e continuou a descer a rua que existia à direita do banco.

— Vamos, Beatrice.

A gata branca deu a língua para as figuras ainda presas e prosseguiu com o parceiro.

— Da próxima vez, não me preocupe.

— Por acaso, pensou que iria me machucar? Precisa ficar mais na linha de frente.

Voltaram para o caminho. Adentraram na escuridão das ruas e se uniram ao desconhecido outra vez. “Simples”, encerrou o homem. Uma proeza feita sem demonstrar qualquer alteração no gelo das suas emoções.



【Amanhecer, algum lugar do Segundo Setor】

— Recebemos imagens importantes do Primeiro Setor. Um banco foi invadido em um evento peculiar. Câmeras não capturaram o momento da invasão, pois as filmagens apenas mostraram segundos posteriores em que as luzes acenderam e revelaram bandidos que se trancaram no banco. A polícia foi acionada quando o alarme foi disparado. Dessa forma, as análises evidenciam um dos suspeitos falando enquanto emitia gestos para algo no lado de fora do banco. As investigações foram inicia...

A voz de uma mulher, que vinha de uma TV simples, reverberava numa sala de um orfanato. As cores vibrantes em volta traziam otimismo e a sensação de imensa liberdade vinha na sala grande capaz de suportar muitos espectadores.

O evento da noite passada apareceu em uma notícia de

perigo e receio. Quando a repórter foi interrompida por um impiedoso controle, evidenciou o alarmar sincero sobre o sofá:

— Nossa! Acordo de manhã e a primeira coisa que vejo são coisas esquisitas. *Haaaa!* — Suspirou. — Já sei que o dia vai ser normal.

Tinha um cabelo e pele de cor escura, estava estampado em suas roupas amassadas que acabou de acordar. Atrás dela, estava as escadas, onde foi possível ouvir passos que as desciam e avisavam a chegada ao redor do grande cômodo.

— Martia! Mal acordou e já está na TV, que folga a sua, não é? — comentou a outra mulher, que chegava com pernas rápidas e desajeitadas.

Era alta e usava um pijama com estampa de animais coloridos, seu cabelo petrificado era a prova de sua pressa e a falta de sono.

— Acabou de dizer quem acordou só agora, Maria.

— *Uuah!* — Bocejou. — Foi mal, tive uns problemas de insônia.

— Sem problema... Aliás, como estão os dois? Não deviam estar se preparando? — Apontou para o andar superior.

— O Will já acordou, e o Mark deve estar nos seus cinco minutinhos. Vou lá dar uma olhada.

Os passos ligeiros retornaram para o início da escada. Martia se virou e levantou a voz para que a ouvisse:

— Se ele não acordar, deixa que levo um copo d'água para acordar ele de novo!

O corpo de Maria se tornava menos travado a cada passo. O sorriso tímido apareceu ao ver o corredor extenso do segundo andar. Colocou os ouvidos na última porta e ouviu um despertador, que tentava incontáveis vezes acordar alguém.

— *Humrum...* ainda não sei não, *hein*, rei — soltou bem

baixinho o dorminhoco.

Não estava consciente de verdade quem estava no outro lado. O seu corpo agia sozinho para acertar o interruptor e desligar o barulho, errando todas as vezes.

Maria ria de forma contida, olhou para os lados e, sucintamente, seus cabelos se tornaram lisos e atingiram o chão — agora, o sono partiu por completo.

— Minha chance.

Deu pulos para trás, balançou os ombros e correu à porta.

— BOM DIA, FLOR DO DIA! — O chute forte abriu a entrada.

— MAs que... *ai!*

Foi pego de surpresa ainda inconsciente. O fez cair da cama e acertar o chão, arrastou o lençol que ainda estava preso em volta do seu corpo. A moça não conseguia aguentar mais os risos.

— Eu ainda vou morrer por causa disso — resmungou o jovem, baixinho.

— *Pff!* E ainda é exagerado. Se eu fosse você, me apressaria. Will acordou e você está atrasadinho!

— Um minuto ou dois não fazem tanta diferença assim. — Emburrou.

— Vamos! Levanta e se arruma aí! — Concluiu antes de fechar a porta.

O garoto se recompôs e retirou o lençol de seu corpo. O coração palpitava e a visão se embaçava. Um despertar assim era mesmo necessário? Apenas negou com a cabeça.

Quase tropeçou em um rodo, pulou uma vassoura e pegou um detergente do chão. O seu quarto foi adaptado para se tornar capaz de abrigar alguém. Como seus pertences estavam, agora, rearranjados pelo cômodo, existia pouco espaço para andar.

Arrumou a cama e olhou para o espelho preso em um dos armários, se encarava após ter soltado respirado fundo. Cabelo preto, que lembrava um formato de hipérbole, uma franja branca e espetada, olhos e cílios da cor do ciano, alto; dezessete anos.

Lentamente, o processo de se examinar deixou o coração calmo. Se encarava e via suas pupilas contraírem. “Tô bem! Tá tranquilo e favo...”



MARK

— MARK! — gritou outro jovem que invadiu o quarto.

Fechou o armário, movido puramente pelo susto, com um ímpeto que fez o estalo imaginar que o espelho foi ameaçado por um dos piores resultados.

— P-preciso de sua ajuda.

"E eu preciso começar a trancar a porta", pensou Mark em resposta. Entretanto, fechou os olhos e abanou as mãos ao comentar:

— Calma, Will, acabei de acordar... Pega leve aí. — Esfregou o rosto.

— Eu sei, eu sei, é que tô nervoso. Tenho aquela prova química hoje, eu não vou bem na matéria, né, sabe, tipo... FERROU!

A preocupação podia ser exagerada, mas, feliz ou infelizmente, suas roupas desarrumadas e cabelos amassados traziam um alívio recorrente ao jovem de cabelo hipérbole.

— Relaxa, cara! Te ajudei a estudar. Sabe, sim, a matéria. Me deixa terminar de acordar que converso com você.

— Tá bom, tá bom., ótimo, certo, maravilha... — Fechou a porta lentamente.



WILL

O rosto de Mark relaxou, a presença repentina carregou uma tensão para uma resposta mal planejada. Coçou a cabeça e foi até o lado oposto do porte. Se pôs a abrir a janela que existia atrás de sua cama. Teve dificuldade em achar um ângulo que sua cabeça passasse, mas conseguiu após um instante.

Sempre vislumbrava algumas memórias enquanto via através da janela em seu “quarto”. Crianças que brincavam na rua pela manhã... Sempre lembrava daquele dia, o mesmo que fez uma promessa:

【Orfanato, dez anos atrás】

— Will? O que tá fazendo aqui no jardim?

Mark se lembrava do encontro repentino quando era uma criança. Lágrimas de Will escorriam pela calçada do orfanato feito uma cachoeira. A criança com cabelos brancos se segurava para não emitir um único som.

— Um dia. Um dia. Você terá que... ir embora. Você foi o primeiro a chegar. Acabarei sozinho.

— *Ei, ei!* Não fala isso, porque não vou te deixar sozinho fácil, você é mais velho que eu. Por que tá assim?

Suas ações de quando era criança não eram de um irmão mais novo, era um conselheiro novato. Se sentou ao lado e segurou o ombro dele com força. Os esforços não melhoraram as lágrimas, o pesar na garganta o forçou a continuar:

— Você não está errado, um dia talvez eu tenha que sair desse lugar, mas... mas... eu... tentarei ficar com você! E farei o possível para você ficar comigo.

A mente vacilou, as palavras não saiam. Um medo atingiu seu peito feito pedra. Almejou evitar as palavras que temia: sempre e nunca. Sentimento medonho o atingia, uma criança com

fobia de certezas. No final, se esforçaria para se manter. Era muito melhor. Evitaria parte do pesar quando aquilo falhar miseravelmente, afinal, nunca afirmaria "para sempre" ou "nunca mais".



Com o passado marcado na cabeça do presente, abriu o armário que continha o espelho, viu uma foto que estava junto de Maria, Martia e Will. Tinha um imenso valor emocional, suas mãos apertaram o objeto. Não queria soltar. Respirou fundo e aproximou a lembrança ao peito.

— E se eu... não quiser sair daqui?

Hesitou por um segundo, porém, finalmente guardou a foto e pegou o uniforme escolar. Antes de sair do quarto, virou o rosto com uma atenção de última hora; pegou sua blusa azul e ficou satisfeito.

— Mark! Mark! Tá demorando, *hein*, você tá me deixando mais...

— Nervoso?

O irmão nervoso comentava no outro lado da porta, que foi aberta por Mark e os fizeram sorrir um para o outro. Seguiram para o banheiro que era no começo do corredor. Will tremia rapidamente, colocou a roupa de qualquer jeito para terminar primeiro.

— E se eu esquecer? Tô muito nervoso... *Ai, ai, ai...* e agora? — Sacudiu as mãos.

— Ontem mesmo estudei com você. — Enxaguou a boca.

— E acertou quase todas as questões, não tem com o que preocupar. Fica tranquilo. Pelo que lembro, tá favorável.

Tinham o mesmo uniforme, porém tinham símbolos ligeiramente diferentes. Mark já havia feito a prova e tinha facilidade com a matéria — não dominava, mas era digno de dar o apoio.

Seu irmão brilhava os olhos, que acenderam chamas. Sem explicações, o calor se apagou e seu semblante desmoronou. Novamente, amassou os cabelos com as mãos — uma confiança que durou incríveis meio milissegundos

— Faz assim: você está nervoso por estar com medo de errar, então, invés de pensar nos erros, pense no bolo que você vai ganhar como recompensa.

— Não vai funcionar! Se eu esquecer até de colocar o meu nome e...

A pegada no ombro direito o fez arrepiar, era a maneira mais sincera de Mark tentar buscar confortar a ansiedade que consumia o irmão de criação.

— Will, nós passamos tanto tempo juntos que já treinamos até o clichêzinho de completar as frases um do outro. Eu estou dizendo que você não deveria se preocupar... Acredita em mim, certo?

— S-sim! — A luz refletiu no punho estendido. — Vou ir bem e vou deixá-las felizes!

Mark sentiu realizado, o seu irmão não estava mais abatido. Passou os dedos nos cabelos dele, tentou manter a ordem elegante que foi destruída pela inquietação anormal.



O agir desajeitado do órfão, que descia as escadas de dois em dois degraus, mostrava a ideia boba com a mochila nas costas.

— Bom dia, atrasadinho — disse Martia ao se aproximar, calmamente.

— Bom dia. Eu terminei de me arrumar primeiro do que o senhor pânico, tá?

Martia ainda estava no sofá, de folga. Se levantou e foi dar um abraço no garoto. Os dois estavam sorridentes de forma recíproca.

— Aonde Maria tá?

— Depois que ela te acordou, foi ao mercado comprar o que falta para a cozinha.

Já era o bastante. A empregada mexia em suas roupas e mochila, averiguava cada detalhe. Mark ficou incomodado, a moça fazia caras estranhas, até que o encarou de frente.

— Ah, é mesmo, tá faltando a merendinha. Que milagre não ter esquecido nada.

Martia se virou para trás e caminhou para a cozinha. O órfão suspirou de olhos fechados. Ao abrir, deu uma olhada em volta. Tudo era mudo, menos os passarinhos que tinham toda a atenção da sala enorme, cantando pelas janelas. A luz do sol começava tocar sua pele, tingia sua blusa e tocava o rosto atento.

— Enfim, paz. — Se espreguiçou.

Puxou uma cadeira da sala para perto da janela e se sentou, observou o céu e estigou os braços, estalou os dedos e comentou inocentemente:

— O dia vai ser lon...

Um zumbido vinha de longe. O cantar dos passarinhos não estava mais claro. O jovem coçou o ouvido por reflexo. O ruído aumentou o volume, buscou procurar a fonte do som tão desagradável e apenas sentia calmamente...

Como se.

O.

Cérebro.

Fosse.

Pular.

Para fora.

A visão se tornava turva. Algo acontecia, mas o que ele não via? Coçou a cabeça mais forte. Abriu os olhos, coçou de novo. Fechou os olhos, queria afundar os dedos na pele, tentando tampar os ouvidos. Dor queimava, queimava e latejava.

— *Arhg!*

O zumbido o ensurdeceu, sua visão e nada tinham a mesma definição.

— O-O que. *Ah!*

Sem perceber, o impacto do chão frio veio ao seu corpo. Onde estava o chão? Sentiu um gelo esquisito tocar suas roupas, um vento congelava seu consciente com velocidades incríveis. A mente capturou algo, uma luz vinha do centro, uma chama de cor ciano. Ela aumentou de tamanho e Mark, deitado, foi engolido vivo.

As mãos foram aos ouvidos e sangue escorreu pelo nariz, agora podia entender o zumbido, eram sinos que criavam a melodia da dor.

Desespero, a função exponencial do medo, provava os seus sentidos naquele tão curto milissegundo. Pouco a pouco, o cenário surpresa moldava ao redor: Montanhas cobertas de neve com ventos fortes que balançavam as capas de um grupo reunido.

As roupas estavam mais pesadas? Não. Uma neve o cobria, o deixava imóvel a ponto de estar quase enterrado.

Não conseguia distinguir os rostos, apenas via as costas de quatro pessoas que usavam um manto azul e permitiam enxergar características resumidas: mulher alta com um cabelo vermelho que atingia o chão; homem de cabelo liso, brilhoso, lilás

e longo, que envolvia um cajado comprido que carregava; outro com cabelo curto, verde e espetado, que parecia muito inquieto; e o último completamente escondido pelo manto e capuz.

— Uh! Meu! O quê? Quê? Ah.

Sinos, escutava muitos sinos. Com uma dor aguda em sua cabeça. Sacudiu a neve e o pior do frio envolveu sua barriga, estava a beira de um precipício.

A neve o engoliu, trouxe seu subconsciente ao nulo. Os ossos doíam e seus gritos viraram sussurros.

Visão escureceu... Como um sono rápido, o calor da cadeira o despertou. Se assustou e caiu da cadeira de novo. Levantou do chão e se apoiou na janel... os passarinhos, estavam todos lá ainda.

— Mark? — chamava alguém que se aproximava pela escada.

Tentava retomar a postura com uma cara aterrorizada. Era difícil ver alguém naquele estado. Will saiu de seu quarto rapidamente, apressou ainda mais o seu passo para encontrá-lo. As empregadas eram cuidadosas demais para isso acontecer sem um motivo importante.

— O q-que aconteceu? — perguntou, muito mais nervoso.

— Eu... eu não sei, só uma dor de cabeça forte... eu acho, acabei caindo, da cadeira... eu acho.

O peito ia e voltava com ímpeto, o folego não passava pelas narinas de jeito nenhum.

— Só isso? Mesmo? — Balançou seu irmão.

— E-estou bem... Vamos terminar de nos ajeitar! Não podemos atrasar hoje.

A respiração desacelerou, olhos corriam a cada centímetro da sala para provar para si mesmo que ainda era o orfanato. Deu um passo e se virou à janela novamente. “Espera, o que aconte...”

— Se tiver algo que acha preocupante, é bom avisar logo.

Tinha muitas dúvidas, somente entendia que não havia tempo para discutir isso, já que estar nervoso na frente de Will era o pior cenário. Engoliu saliva e coçou o ouvido. Decidiu ignorar. Ignorar. Ignorar.

Os dois ficaram a postos na frente da porta. Assim que a abriram, Martia havia chegado na mesma hora.

— Não esqueceram de alguma coisa?

— Martia!

O jovem de cabelos brancos só falou com Maria naquele dia, havia passado o resto do tempo preocupado com a prova de química que, para ele, era o mesmo que o apocalipse.

A presença dela o fez esquecer por um momento o tormento que Mark havia sentido.

— Que bom que não preciso mais me preocupar... Toma, esses são os lanchinhos que fiz para os dois, tentem fazer durar o dia todo!

— Valeu, Martia! — responderam, em uníssono.

A mulher entregou duas sacolas de papel e soltou um sorriso ao acenar como forma de adeus; as preocupações dos dois foram banidas de suas mentes.

Mark estava na porta com os braços cruzados, onde recebeu uma das sacolas de seu irmão. Os dois, que foram para o lado de fora do orfanato, andaram pela estrada do jardim em direção ao portão preto, alto e gradeado.

Quando chegaram à calçada, Will pegou de seu bolso um relógio verde.

— Já são seis e quarente e quatro.

O ônibus estava muito próximo de chegar. A rotina do jovem nervoso dizia que, em dias ensolarados onde o trânsito estava normal, o transporte chegaria entre seis e quarente e cinco

e seis e quarenta e sete.

— Esse seu relógio ainda funciona, né? — perguntou Mark ao olhar para o objeto.

— Você pergunta isso quase todo dia. Eu zelo com minha vida. — Guardou o relógio, sério.

Um barulho grave foi emitido do ônibus que acabou de parar na frente do orfanato, esperava os dois entrarem. Se sentaram no último assento, o lugar de costume deles.

— Mark, olha! — exclamou Will após apontar para rua.

Viam uma moça que tinha sacolas na mão: Maria. Os dois acenaram, e ela respondeu igual. No entanto o movimento carinhoso de Mark foi impedido de repente. Havia algo estranho, sentiu a espinha gelar, entre uma ligeira piscada, pode ver alguém totalmente branco atrás dela, feito uma alma penada.

“**Você**”, uma voz rouca ecoou em sua mente como um gutural, mas ele não conseguiu a perceber ou ouvir de fato.



【Mais Tarde, no mesmo dia】

— Alunos! Quero avisar que não preciso que todos fiquem na aula. Os nomes que eu citar aqui já estão liberados para suas férias, pelo menos, nesta matéria — disse a professora na sala.

Mark não dava atenção para a maior parte, estava com a cabeça apoiada em cima da mesa e se concentrava somente no relógio que estava na parede, entediado.

— Mark...

Ao escutar a professora dizer o seu nome, ergueu o seu

corpo por reflexo e colocou a mochila nas costas, se retirou da sala ainda com a cabeça baixa.

Seus pensamentos estavam mergulhados em tensão, tentava decifrar o que aconteceu mais cedo, o rosto se contorcia a cada passo sem alcançar uma resposta. Seguiu pelo corredor e passou pelo mural, deu um pulo para trás após virar o rosto, atento; reconheceu a sala que acabou de passar.

Na mesma hora, se lembrou da prova. Isso despertou sua curiosidade, foi direto olhar pela janela da porta e procurou pelo irmão. Ao encontrar, viu que era um dos poucos alunos ainda na sala.

O notou estar com uma cara tensa, encarava a folha de papel feito um inimigo mortal.

— Não nos decepcione — sussurrou, esperançoso.

Voltou a andar pelo corredor até chegar no pátio da escola, foi até uma das cadeiras próximas a uma árvore. Terminou de relaxar ao se espreguiçar, porém, logo em seguida, viu uma figura estranha andar pelo pátio.

Um adulto que chamou a sua atenção assustadoramente. Havia algo de estranho, muito estranho. Sua espinha arrepiou com o fato tão simples que não podia tentar disfarçar.

Aquela figura... trouxe uma sensação esquisita semelhante a uma lembrança horrível, não conseguiu explicar para si mesmo o porquê de suspeitar tanto de um desconhecido num colégio.

— Deve ser o pai de alguém — comentou ao olhá-lo.

Percebeu que, essa pessoa, começou a ir em sua direção.

Com calafrios, contraiu todo o corpo pelo ato inesperado que, de alguma forma, o alertou como um perigo iminente. Não era o suficiente para tom de ameaça repentino. As coisas que sentiu em um dia, como isso acontecia? Como? Seus dentes prensaram com força, sentiu algo familiar daquele sujeito. O

medo instaurou no seu coração.

Por que Mark estava assim? Alucinações? Fobias?

Atrás daquele homem, estava a silhueta turva. Uma alma penada que viu horas atrás. Piscou, piscou de novo. Sua mente ficou incrédula com o fato de que essa presença estranha tinha a mesma aparência que a sua. "Que porcaria é essa?" Viu o seu eu fantasmagórico apontar para o sujeito estranho que se aproximava.

O olhar que vinha do sujeito trazia uma energia negativa que nunca sentiu. "É ELE!", soou uma voz rouca na sua mente, mas ele não pode ouvir outra vez.

O Indivíduo chegava cada vez mais perto.

Mark se mantinha imóvel, porém, seu olhar ia de ponta a ponta no cenário movimentado da escola, todo lugar menos na visão direta em quem fazia gelar a espinha.

Foi difícil aguentar a tensão, gerou um calafrio ainda maior. Cada passo que notava se aproximar, a impressão de algo errado martelava os nervos do seu ser. Afinal, atrás dele, ainda tinha aquele fantasma... "Acho que bati a cabeça quando cai da cadeira". Pensou.

Continuou a tentar ficar calmo ao observar. Piscou, e os arredores parecia ainda claro. Por quê? Porque a silhueta desapareceu, a imagem macabra de ter visto a si mesmo apontar para o desconhecido sumiu em outro piscar de olhos.

A tentativa foi jogada fora. O adulto não era uma questão de fingir não ver com a distância menor. Cabelo amarelo-claro com uma franja cinza, ótima forma. "É só o pai de alguém". Apostou nessa alternativa. O sentimento de alerta o consumia por dentro de forma tão familiar e aterrorizante. Por que um sentimento assim agora?

O cabelo hipérbole arrepiou, sua mão tremeu e pode sentir

uma faca no peito. "**Não... Não é... Não é não**", soou a voz, novamente, em um grito como resposta. O órfão escutou o grito gutural e procurou a fonte rapidamente, no entanto, foi o único a ter agido com preocupação.

Os outros alunos não escutaram nada.

Com o corpo travado na mesma postura, forçou seu rosto para manter a expressão firme. Suor frio escorreu pela testa e seus dentes quase quebrariam se continuasse.

— Boa tarde! Tudo bem? As aulas de hoje já acabaram?
— perguntou o indivíduo, amigável.

Ouviu duas perguntas simples que... o fizeram engolir saliva. Simples até demais.

— O-oi, as aulas não acabaram. E-eu fui só liberado mais cedo. — Vacilou, o nariz apontou para o chão para esconder o rosto com a franja.

— Ah, entendi!

O estranho colocou a mão atrás da cabeça e soltou um singelo sorriso. Usava uma camisa estampada com figuras de anime, uma calça comprida e sapatos chiques. Combinações muito contraditórias para alguém que emanava perigo.

— Posso me sentar junto a você? — perguntou, suave.

— P-pode, sim.

Ele puxou uma cadeira próxima e se sentou ao lembrar do passado:

— Sabe, estudei aqui antigamente. Vim ver como andavam por aqui. — Observou ao redor, nostálgico.

Havia algo de estranho? O outro, que estava em alerta momentos antes, começou a questionar se era apenas equívoco. Passou os dedos pelos cabelos e fechou mais o zíper da blusa.

"**Não... Não**". O vento andou pelas orelhas, buscou a origem daquela voz anormal, mas foi interrompido com o

comentário:

— Pelo visto, mudou muita coisa, mas ainda continua agitado perto das férias. — Viu jovens correr pelo pátio, derrubavam quem ousava estar no trajeto.

Mais uma vez, sua personalidade se provava o oposto pela qual esperava. Constatou alguém feliz e sorridente, alguém que apenas revivia memórias antigas e compartilhava com humildade.

— Afinal, qual é o seu nome?

— Mark. — Levantou a cabeça.

— *Hum...* — Seu rosto se enrijeceu por um segundo. — Meu nome é Réviz. Prazer em conhecê-lo.

A mão direita se ergueu para perto em um cumprimento. O jovem olhou duas vezes para o movimento, engoliu saliva e abriu a mão com dificuldade. E... o toque físico entre os dois foi concluído.

Sentiram um aperto incomum — na verdade, apenas Mark sentiu algo.

— *Contradição.*

Uma faísca saiu delas e energia, que se assemelhava a uma descarga, fluiu por um instante. Pupilas travaram, e suas noções de tempo se congelaram. Por um imenso e pequeno momento, jurou ver o tempo parar.

Os olhos de Réviz brilhavam em marrom esverdeado, emanou uma presença que ninguém ousava contestar. O mundo em sua volta perdia o foco, só o homem recém conhecido estava visível. Uma enorme escuridão sedenta cobria o chão e céu, feito tinta preta que espalhava em água.



Um tombo na cama, dentes mal escovados, inocente descer de escadas e um pesadelo acordado. Suas memórias eram examinadas, um filme que foi forçado a assistir no meio do vazio. Réviz lia a sua cabeça.

— O encontrei, não há dúvidas. Com certeza, é o tal. — As falas ecoavam direto na mente, pois Réviz não moveu um milímetro de sua boca.

Paralisia do sono... Mark tentou mover todos os membros, nem a gota de suor desafiou em escorrer por sua testa. A escuridão em sua volta o assustava, e o homem em sua frente, no meio do nada, fazia com que o brilho no olhar se tornasse grandes faróis.

— Pode ver um vislumbre, já basta para convencê-los. — Réviz, que ainda o segurava no aperto de mão, começou a se unir à escuridão muito lento.

O preto se tornava uma massa, o peso da ausência de cores consumiu o corpo do desconhecido. A pele ardia e logo nada mais sentiu, Mark estava a ser engolido vivo psicologicamente.

No segundo em que a mão do homem se tornou invisível, camuflada pelo preto sem fim, o jovem caiu no chão. No entanto, não havia chão. Estava num vazio. Suas pernas não estavam lá. A velocidade em que o preto o engolia aumentou. Se arrastou, aflito.

— *Ahhh, uh...*

Movimentar os membros e simplesmente pensar pareciam o mesmo, nada mais acontecia, só sua cabeça estava lá.

Como um balão que estourava por pura força do sopro, gritou de forma brutal, onde fez o vazio responder de forma ainda mais agressiva quando sua voz ecoou pelo nada até, no final, seu corpo se esvaiu até o último fio de cabelo.



— Um usuário de energia fora da ODST... Que... intrigante. — comentou Réviz, em pé ao lado.

Observava-o o aluno que acabou de conhecer dormir na cadeira com um rosto travado, ajeitou sua camisa e retornou para o lugar que veio.

— Após vinte e dois anos, te achei — continuou ao voltar-se para trás.

Sem contestar, foi embora. O deixou ali mesmo para dormir por alguns minutos. Vagou pelo pátio e, ao cruzar um pilar, desapareceu.

Rostos confusos vinham na direção do adormecido embaixo da árvore. A atenção dos curiosos foi roubada pela corrida de outro aluno que se aproximava do belo adormecido. Um toque gentil alcançou os ombros dele e os balançou com um toque.

Garotos jogavam bola, pessoas riam e conversavam... Um lugar normal, algo muito oposto ao que aconteceu. Coçou a cabeça e se espreguiçou, viu seu irmão ao lado e lembrou.

— Acho que... capotei — Ergueu o corpo.

— Você acha? — Olhou de cima a baixo. — Tá tudo bem mesmo?

A expressão mudou por inteiro com a aparição repentina. Foi de um sentimento desesperador para um alívio completo, fez com que o mantivesse na realidade. O ombro sentiu o pesar preocupado das mãos de Will.

— Tá. Tá, sim. — Esfregou os olhos. — Eu só cochilei, precisa se preocupar não! — Sorriu e sacudiu os braços levemente dormentes.

— Então tá bom... — Will retirou as mãos dos ombros, aliviado.

— Como foi a prova?

As lembranças vieram em sequência. Quando soltou a pergunta, percebeu seu cabelo mais desarrumado do que o habitual.

— Tive muita dificuldade! Oh, provinha complicada... No começo, eu estava mal. E o final parecia o começo! — Jogou a cabeça para os lados num drama.

— Fico feliz que ainda tem essas piadinhas depois de quase morrer para uma folha de...

— Eita! Vamos esperar o ônibus mais perto do portão, já tá quase na hora. — Desligou o alarme do relógio.

O grupo de alunos que conversavam por perto havia ido em direção a saída da escola. Will alcançou um relógio de bolso com aparência antiga, que chamava muita atenção. Existiam desenhos de tribais que tinham um grande contraste verde com o dourado do relógio.